

ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NA OBRA DE RESTAURAÇÃO DA CAPELA DE
ITANS – ITAPIÚNA-CE.

*ARCHAEOLOGICAL EXCAVATION ON THE RESTORATION WORK OF THE ITANS
CHAPEL – ITAPIÚNA – CE.*

João Nilo de Souza Nobre¹

Bianca Araújo Freires²

Rafael Alves Nascimento³

João Moreira Cavalcante Neto⁴

Renata Dantas dos Santos⁵

Daniel Luna Machado⁶

Roberto Moreira Chaves⁷

-
- 1 - Arqueólogo do ICA – nilonobrelobo@gmail.com
 - 2 - Arqueóloga do ICA – biancaaraujo2690@gmail.com
 - 3 - Arqueólogo do ICA – rafaelnettur@gmail.com
 - 4 - Pesquisador do ICA – jcavalcant@gmail.com
 - 5 - Conservadora do ICA – dantasrenata.rds@gmail.com
 - 6 - Arqueólogo do ICA – luna.daniel@hotmail.com
 - 7 - Arqueólogo do ICA, Conservador da UFC - robertochaves@ufc.br

**RESUMO:**

O presente artigo visa apresentar à comunidade científica os resultados obtidos com as escavações para o restauro da Capela de Itans em 2015, no município de Itapiúna-CE. As atividades consistiram em documentação através de fotografia e desenho, escavação de trincheiras, unidades de escavação (UEs) e coleta sistemática do material arqueológico. As escavações revelaram os impactos causados por antigas reformas que foram responsáveis pelo processo de fragmentação dos remanescentes osteológicos e utilizaram parte dos antigos sedimentos do interior da capela como aterro para elevação de outras áreas.

Palavras-chave: Arqueologia do Ceará, Arqueologia Histórica, História do Ceará

ABSTRACT:

This article aims to present to the scientific community the results obtained from the excavations for the restoration of the Itans Chapel in 2015, in the municipality of Itapiúna-CE. The activities consisted of photographic documentation, trench excavation, excavation units (Ues) and systematic collection of archaeological material. The excavations revealed the impacts caused by ancient reworks on the chapel architecture, which not only fragmented the osteological remains, but also used part of the old sediments from the chapel as landfill to elevate other areas.

Keywords: Archaeology, Historical archaeology, History of Ceará.

INTRODUÇÃO

No ano de 2015, foram realizadas atividades de escavação arqueológica na obra de restauração da capela de Itans, distrito do município de Itapiúna-CE. Os projetos da obra de restauro e da escavação arqueológica realizados no citado município foram desenvolvidos como parte das medidas compensatórias e mitigatórias a serem cumpridas pela empresa Central Eólica Praia de Parajuru S/A que firmou o TAC (Termo de Compromisso de Ajustamento de Conduta) nº 003/2014 com a Superintendência do IPHAN no Ceará.

Os dados obtidos com a escavação foram apresentados ao IPHAN em forma de relatório técnico/científico, e acreditamos, embora com notável atraso, que as informações também deveriam ser extrovertidas para a comunidade científica. Atraso este que buscamos sanar com a presente publicação, uma vez que a referida escavação trouxe inúmeras questões e levantou hipóteses que podem trazer valiosas contribuições para a compreensão de parte da História do Ceará.

LOCALIZAÇÃO

O município de Itapiúna, situado sob as coordenadas geográficas 04° 33' 52" S e 38° 55' 20" W, a 104 quilômetros de Fortaleza, capital do estado do Ceará, contempla uma área de 588,68 km² e integra a

microrregião do Maciço de Baturité da mesorregião Norte Cearense. Limita-se a norte, com os municípios de Capistrano e Aratuba; a leste, com Quixadá, Ibaretama, Aracoíaba, Baturité, Capistrano; a sul, com Quixadá e Choró; e, a oeste, com Canindé e Choró (IPECE, 2014).

A comunidade de Itans, onde está localizada a capela de Nossa Senhora da Conceição, é distrito de Itapiúna e dista da sede do município cerca de 8km. O acesso à localidade se dá a partir da rodovia CE-060.

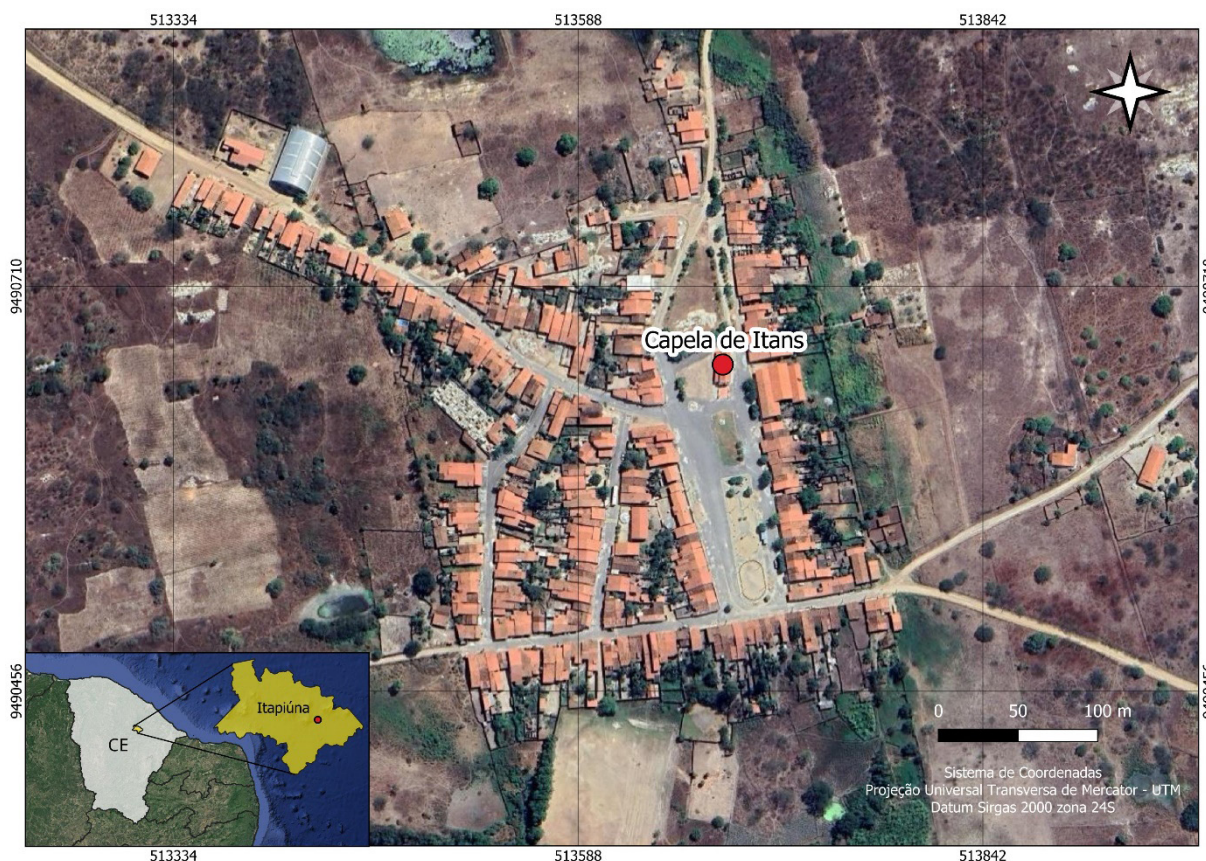


FIGURA 1- MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA CAPELA DE ITANS. FONTE: ELABORADO POR RAFAEL ALVES.

PRINCÍPIOS TEÓRICOS

A Arqueologia Histórica é objeto de inúmeros debates sobre sua prática e sua necessidade, frente à História que possui, dentre outros, os documentos escritos para “dar conta” de conhecer o passado. No passado, foi defendida a ideia de que a Arqueologia deveria ficar restrita ao estudo da cultura material de povos ágrafos, pois a partir do aparecimento dos documentos escritos o estudo dos remanescentes materiais perderia o sentido, uma vez que as fontes escritas trariam mais informações sobre a cultura estudada. Dessa forma, quando a Arqueologia se enveredava nos estudos das sociedades com escrita, dava-se com o carimbo de ciência auxiliar da História. Todavia, esses parâmetros mudaram ao longo do século 20 (Trigger, 2004).



Partindo desse pressuposto, Lima (1989, p.87) argumenta que é necessária uma reformulação do conceito de Arqueologia Histórica que ampliasse este campo de pesquisa para entendê-lo como: “Uma disciplina científica que se utiliza de restos materiais para compreender o funcionamento de sociedades humanas específicas e da cultura em geral”. Segundo a autora, desta forma, essa ciência seria válida para qualquer sistema comportamental em qualquer momento no passado ou presente. Em relação a essa discussão sobre a finalidade da arqueologia, Kern (1989) afirma que:

A arqueologia permite não apenas o conhecimento do passado das sociedades ágrafas, - para o qual a história tradicional em nada contribui – mas igualmente esclarece inúmeros aspectos da vida das sociedades dotadas de registro histórico, principalmente no que tange aos padrões de subsistência econômica, à tecnologia e às relações com o ambiente, os quais são dificilmente documentados, quando não são absolutamente ignorados pelas fontes escritas. (Kern, 1989, p.103)

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida no âmbito da restauração da capela de Itans foi realizada com o intuito de não apenas complementar, mas também de contrapor, quando necessário, as evidências encontradas nos documentos históricos.

No caso da História do Ceará, bem como do Nordeste em geral, a Arqueologia assume um papel fundamental na construção do conhecimento sobre os grupos indígenas que foram negligenciados pela historiografia por muito tempo. As pesquisas arqueológicas desenvolvidas até agora no Nordeste têm revelado uma grande diversidade de culturas materiais que podem ser atribuídas a distintos grupos que foram parcamente registrados nos documentos escritos do momento da colonização. Segundo Medeiros (2002):

Essa grande diversidade que aparece nas descobertas realizadas com o avanço dos estudos da arqueologia pré-histórica não coincide com a visão ideologicamente dominante na história do Brasil, que vem, desde o período colonial, tentando apagar essa diversidade. Posteriormente, surgiram estudos que tentaram avançar no conhecimento dessa diversidade, porém, no caso específico dos povos indígenas do sertão nordestino no momento da conquista existe uma grande lacuna, pela própria escassez de fontes, devido ao fato de que muitos destes povos foram exterminados sem que houvesse nenhum registro escrito de sua existência (Medeiros, 2002, p. 206).

Desta forma, durante o trabalho de restauração da capela de Itans, foi imprescindível o trabalho interdisciplinar entre Arqueologia, História e Arquitetura, não só para que os restauradores tivessem elementos para realizar seu trabalho, mas também para se conhecer melhor a história do bem a ser



restaurado. Conforme abordam Najjar e Duarte (2002):

(...) a restauração de um bem demanda uma igualdade interdisciplinar entre as partes envolvidas. Ou seja, os diversos profissionais participantes - os arqueólogos, os historiadores e os arquitetos, dentre outros - têm contribuições significativas ao projeto. É nos projetos de restauração que se verifica a importância de cada um desses profissionais, que têm seus objetivos e metodologias próprias, sendo o denominador comum entre eles a necessidade de contar, o mais completamente possível, a história do bem, ou seja, as alterações físicas e suas respectivas (ou não) mudanças de uso (Najjar; Duarte, 2002, p. 10).

Portanto, a relação entre arqueologia e conservação-restauração pode gerar importantes desdobramentos à medida que o arqueólogo contribui para o entendimento do bem no processo de intervenção, e conservador-restaurador pode atuar na identificação e levantamento de informações a cerca dos materiais e seus processos tafonômicos, contribuindo com o arqueólogo no levantamento de dados (WINTER, FAGUNDES e RODRIGUES, 2010; LAMOTTA e SCHIFFER, 2005). Assim, o desenvolvimento da pesquisa arqueológica junto ao processo de restauração pode ser de fundamental importância, pois estas duas áreas juntas podem gerar dados importantes para o entendimento de comunidades como Itans, cuja documentação é bastante fragmentária.

CONTEXTO HISTÓRICO

É desafiador trabalhar com a História Indígena do estado do Ceará, devido ao processo tardio de colonização que impõe, em alguns espaços e períodos uma escassez de fontes sobre os diferentes grupos existentes na atual região do estado. Como bem afirma Studart Filho (1931, p. 53) “a história das tribus selvagens que aqui viviam ao tempo do povoamento e da conquista do Brasil, continua a ser das mais fragmentárias dada a carência de material idôneo para sua elaboração”. E deve-se ter em mente que, mesmo quando existem documentos sobre determinados grupos, boa parte das vezes existem problemas com as nomenclaturas, que, além de fragmentárias, tendem a ser generalizantes, por vezes incluindo diversos grupos sob uma mesma denominação.

Desta forma, apenas algumas informações esparsas são encontradas para algumas regiões. No caso da capela de Itans, pouco se sabe sobre a origem da comunidade. A partir da localização da capela, a aproximadamente 500 metros do rio Choró, se poderia inferir sobre alguns aldeamentos, cujos relatos são encontrados em alguns artigos das revistas do Instituto Histórico do Ceará. Studart Filho (1931) ao abordar um pouco da história dos índios Paiacus aponta que:



Parte desses selvícolas foi missionada no lugar denominado Aldeia dos Paiacus, sita nas margens do Choró, onde tiveram uma légua de terra que lhes foi demarcada, em 1707 pelo desembargador Soares Reimão. Essa aldeia, depois chamada de povoação de monte-mór, o velho, é hoje conhecida pelo nome de villa de Guarany. (Studart Filho, 1931, p. 69).

Segundo Girão (1991), os índios Paiacu teriam sido aldeados na Aldeia de Nossa Senhora da Madre de Deus – Aldeia dos Paiacu situada às margens do rio Choró, onde hoje se localiza a cidade de Pacajus. Nesse local os indígenas teriam tido uma légua de terra demarcada por volta de 1707. Esse relato da pesquisadora faz supor que se trata do mesmo evento descrito por Studart Filho (1931).

Segundo a autora, os índios Paiacu teriam sido transferidos, durante a administração pombalina, para a Vila Porto Alegre, no Rio Grande do Norte, no ano de 1762, em um período de seca que dizimou vários Paiacu, fazendo com que poucos ficassem nessa vila, com alguns indígenas se dispersando na caatinga e outros voltando para sua antiga missão. Os poucos indígenas que permaneceram na Vila de Porto Alegre retornaram em 1767 (Studart Filho, 1931; Girão, 1991).

Conforme aponta Studart Filho (1931, p. 70), “os índios dessa nação, que, em 1765, andavam errantes e despersos pelas margens do Rio Choró, foram mandados aldeiar na villa de Monte-Mór, o Novo (...)”. Segundo o autor, por volta de 1818, em Baturité, ainda existiam indígenas Paiacus de “raça pura”.

Sabendo-se da dispersão dos Paiacu pelas ribeiras do Rio Choró, e levando-se em consideração a relativa proximidade da localidade de Itans e da serra de Baturité, pode-se levantar uma hipótese de que a comunidade de Itans pode ter tido, em meio aos seus habitantes, indígenas desta etnia.

Em outro trecho de seu trabalho, Studart Filho comenta que em 1731, “cincoenta casaes de índios Canindés, aproximadamente, pediram a Duarte Sodré Pereira, governador de Pernambuco, um missionário e a permissão para se aldearem nas cabeceiras do Choró (...)” (Studart Filho, 1931, p. 83). E, segundo o autor, igual pedido teriam feito os Genipapo.

Conforme relata o citado autor, ambos, Canindé e Genipapo, teriam sido aldeados na aldeia velha no município de Limoeiro, de onde teriam sido transferidos para a serra da Palma, ao sul do açude do Cedro, em Quixadá, e posteriormente, teriam se mudado novamente para a serra de Baturité e ali teria se estabelecido e elevada à categoria de vila em 1764, a qual se tornaria a cidade de Baturité no ano de 1858.

Desta forma, entende-se que aproximadamente um ano depois da criação da vila de Monte-Mor, o Novo d’América, que teria principalmente grupos Genipapo e Canindé, vários grupos Paiacu que residiam às margens do Rio Choró teriam sido levados àquele local para integrar a população da vila.

Percebe-se, nesse contexto, que a região onde se localiza a comunidade de Itans possuía um grande tráfego de diferentes grupos indígenas, o que traz à tona a questão de qual teria sido a origem daquela comunidade.

Entre os detalhes arquitetônicos da fachada encontra-se uma sigla que é considerada como o símbolo da Companhia de Jesus, no qual, as letras IHS representam uma abreviação do nome de Jesus como era usado na idade média a partir de sua origem grega ou latina Ihesus.



FIGURA 2 – A SIGLA IHS CARACTERIZADA COMO SÍMBOLO DA ORDEM DOS JESUÍTAS. FONTE: ACERVO ICA.

Desta forma, se poderia inferir uma datação relativa da capela para algum momento antes de 1757, pois nessa data foi instaurado o diretório dos índios pelo Marquês de Pombal. Segundo Lago (2003), o referido diretório,

foi uma lei criada em 1757 através da qual foi extinta a administração eclesiástica dos aldeamentos e emancipados os índios da tutela dos missionários. Esta lei, elaborada, primeiramente, para servir a realidade do estado do Grão-Pará e Maranhão em 1758 foi expandida a todo território brasileiro até sua revogação em 1798 (Lago, 2003, p. 1).

Conforme apresentado por Maia (2010) ao se referir ao trabalho do Padre Serafim Leite, a história dos jesuítas no processo de colonização se desenvolveu em seis períodos distintos ou simultâneos, dispostos da seguinte forma:

- Primeiro (1607-1608), com os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, numa ação catequética precursora, mas também de exploração, finalizada com a morte do primeiro missionário e o retorno do último para Pernambuco;



- Segundo (1656-1662), com os padres Pedro de Pedrosa, Antônio Ribeiro e Gonçalo Veras sob superiorato do Padre Antônio Vieira, com fundação da missão de Ibiapaba;
- Terceiro (1662-1671), com os padres Jacobo Cócleo e outros cuja ação desdobrava-se entre o forte (depois cidade de Fortaleza), Parangaba, Camocim e Ibiapaba;
- Quarto (1691-1759), com a retomada de Ibiapaba e fundação da Aldeia de Nossa Senhora da Assunção, com os padres Ascenso Gago e Manuel Pedroso;
- Quinto (1723-1759), com a fundação do Hospício do Ceará, sob direção do padre João Guedes;
- Sexto (1741-1759), com os padres jesuítas na administração das aldeias de Parangaba, Paupina, Caucaia e dos índios Paiacús (Maia, 2010, p. 20).

Desta forma, entende-se que qualquer construção feita pela Companhia de Jesus deveria ter sido realizada anteriormente a essa data de 1759. Nesse contexto, surge a indagação se a capela de Itans teria sido um desses aldeamentos. Embora se encontrem, alguns documentos que fazem alusão à capela, em nenhum deles a localidade é citada como um aldeamento. A partir do levantamento de diversos documentos históricos, Jucá Neto (2013) elabora uma tabela com todos os aldeamentos existentes até 1739, especificando seus nomes, suas localizações e qual facção eclesiástica era responsável pela administração de cada aldeamento.



Nome da Missão ou Aldeia	(Ordem ou Irmandade)	Religioso (padre, frei ou clérigo)	Lugar (topônimo)	Índios
Missão da Ibiapaba	Jesuíta	ni	Viçosa	tabajaras, anassés e outros (É assim que se encontra do doc histórico !!!)
Aldeia do Miranda	capuchinho	Francisco Carlos Maria de Ferrara	Crato	carius, assus, calabças e quixeloz
Aldeia do Banabuiú	clérigo	Zechiel Gameyro	Serra da Uruburetama	genipapos e canindés
Vila de Fortaleza	–	–	Fortaleza	anassés
Aldeia dos Jaguaribaras	clérigo	ni	Citio Cascavel	jaguaribaras
Aldeia dos Payacus	clérigo	Luiz Ferreira	Taboleyro do Cascavel	paiaucus e assus
Aldeia dos Jucazes	clérigo	Antonio Nunes Cabral	Jucás (São Mateus)	jucás
Aldeia dos Tarabembés	Jesuíta	ni	Almofala	tremembés
Aldeia de Parnamirim	Jesuíta	ni	Eusébio	tremenbés
Aldeia de Paupina	Jesuíta	ni	Messejana	tremenbés
Aldeia Nova	Jesuíta	ni	ni	tremenbés
Aldeia de Parangaba	Jesuíta	ni	Parangaba	tremenbés
Aldeia de Guacaya	Jesuíta	ni	Caucaia	tremenbés

Nome da Missão ou Aldeia	(Ordem ou Irmandade)	Religioso (padre, frei ou clérigo)	Lugar (topônimo)	Índios
Missão da Ibiapaba	Jesuíta	ni	Viçosa	tabajaras, anassés e outros (É assim que se encontra do doc histórico !!!)
Aldeia do Miranda	capuchinho	Francisco Carlos Maria de Ferrara	Crato	carius, assus, calabças e quixeloz
Aldeia do Banabuiú	clérigo	Zechiel Gameyro	Serra da Uruburetama	genipapos e canindés
Vila de Fortaleza	–	–	Fortaleza	anassés
Aldeia dos Jaguaribaras	clérigo	ni	Citio Cascavel	jaguaribaras
Aldeia dos Payacus	clérigo	Luiz Ferreira	Taboleyro do Cascavel	paiacus e assus
Aldeia dos Jucazes	clérigo	Antonio Nunes Cabral	Jucás (São Mateus)	jucás
Aldeia dos Tarabembés	Jesuíta	ni	Almofala	tremembés
Aldeia de Parnamirim	Jesuíta	ni	Eusébio	tremenbés
Aldeia de Paupina	Jesuíta	ni	Messejana	tremenbés
Aldeia Nova	Jesuíta	ni	ni	tremenbés
Aldeia de Parangaba	Jesuíta	ni	Parangaba	tremenbés
Aldeia de Guacaya	Jesuíta	ni	Caucaia	tremenbés

FIGURA 3 – RELAÇÃO DOS ALDEAMENTOS EXISTENTES ATÉ 1739. FONTE: JUCÁ NETO, 2013, P. 139.

Desta forma, se em 1739 não existia um aldeamento em Itans e os padres perderam sua influência em 1757, teria sido possível estabelecer um aldeamento em apenas 18 anos que resultasse na construção da capela? Faz-se importante apontar o argumento desenvolvido por Najjar (2011) a respeito da construção das capelas em aldeamentos, no qual a autora postula que:

É necessário lembrar que a fundação de uma aldeia pelos jesuítas não se dava a partir da existência da igreja. Pelo contrário, era a partir da fundação da aldeia que os religiosos passavam a desenvolver atividades de catequese e somente a partir da conquista da confiança dos indígenas que se iniciava a construção da igreja. Não devemos esquecer que a única mão de obra para a construção era a indígena (Najjar, 2011, p.72).

Entretanto, no plano de trabalho elaborado pela equipe técnica da superintendência do IPHAN no Ceará para a realização do trabalho de restauração, os pesquisadores citam diversas fontes que, na interpretação deles, remetem a uma transferência do aldeamento dos Paiacu na aldeia de N. S. da Anunciada, situada às margens do Jaguaribe, para o local onde atualmente está a cidade de Pacajus, sendo que Itans teria sido um



local intermediário entre o aldeamento dos Paiacu no Jaguaribe e, posteriormente, sua transferência para a vila de Monte-Mor, o Velho (atual Pacajus).

Contudo, parece haver alguns problemas cronológicos na interpretação, pois, se em 1739 o aldeamento dos Paiacu estava no Jaguaribe e foi transferido para o Aldeamento de N. S. da Anunciada, talvez em algum momento entre 1739 e 1757 (até a proibição da administração das aldeias por parte dos sacerdotes), como eles teriam sido transferidos para a missão Paiacu das ribeiras do Choró, que teria se iniciado em 1707? Claro que não se deve entender essa cronologia de maneira teleológica, onde um evento necessariamente sucede ao outro, e pode-se pensar que havia dois aldeamentos contemporâneos dos Paiacu. Entretanto, essas questões levantam novos problemas a serem respondidos por pesquisas futuras.

Os registros de batismo e casamento citados pelos pesquisadores do IPHAN-CE parecem corroborar a datação relativa da capela para algum momento entre 1739 e 1757, pois um dos primeiros registros de casamento data de 1740. Desta forma, é possível supor que o aldeamento de Itans pode ter sido mais antigo, porém desconsiderado como tal e por isso não figura entre os registros até 1739, talvez por seu caráter temporário, como sugerem os pesquisadores do IPHAN.

Neste sentido, levanta-se uma questão crucial de caráter histórico que seria a definição do conceito de aldeamento. O que caracterizava uma povoação para esta ser definida como um aldeamento? Em casos de transferência de locais como se comentou a respeito dos Paiacus e dos Genipapos e Canindés, os locais temporários de ocupação entre o aldeamento original e seu destino final seriam considerados também como aldeamentos? E mais importante, quais características materiais seriam encontradas nesses locais temporários? Apenas algumas residências e templos de caráter provisório ou grandes capelas de alvenaria ricas em detalhes arquitetônicos e residências também características de ocupações prolongadas?

Contudo, se faltam documentos que atestem a história de Itans como um aldeamento indígena, existem elementos que apontam para essa possibilidade. Um elemento crucial é a organização espacial do lugar que se apresenta de maneira semelhante a descrições de aldeamentos estudados em outros locais. Conforme descreve Caino (2008),

A praça ficava invariavelmente no centro da redução. No caso específico de Santo Ângelo Custódio, em frente à sua face norte estava a igreja ao centro, à sua direita o colégio e as oficinas, e à sua esquerda o cemitério. No lado oposto, de frente à face sul da praça havia o cabildo, onde se dava a administração laica do povoado, sob responsabilidade de caciques escolhidos na redução. Ao lado e atrás do cabildo, bem como nas faces leste e oeste da praça, estavam as casas habitadas pela população indígena (Caino, 2008, p. 136).

Essa descrição de um aldeamento no atual estado do Rio Grande do Sul possui similaridades com descrições expostas por outros pesquisadores. Maia (2010) apresenta a descrição do padre Ascenso Gago



da Aldeia de nossa Senhora da Assunção na Ibiapaba, a qual é descrita da seguinte forma: “A aldeia foi construída em forma de quadra com uma igreja, a residência dos padres e três carreiras de casas, com ruas e becos, onde morava parte dos índios” (Maia, 2008, p. 163).

Ao avaliarmos a organização espacial de Itans, facilmente se percebe algumas semelhanças com as referidas descrições, o que poderia ser um indício de um “padrão de assentamento” de aldeamentos indígenas.

Entretanto, entende-se que a interpretação do povoado como aldeamento simplesmente com base na orientação espacial das construções pode levar ao erro. Segundo afirma Caino (2008), a planificação dos espaços nos aldeamentos jesuítos não é resultado da aplicação de um modelo pronto, mas do desenvolvimento de um processo de teste-erro-correção que possui muitas fases.

Embora o rei de Espanha Felipe II tivesse definido um traçado urbanístico em suas “Ordenanzas de Población” de 1573, as características específicas de cada terreno e as idiosincrasias das populações indígenas foram gerando novas formas de utilizar e organizar o espaço (Caino, 2008, p. 135).

Faltam ainda muitos dados para que se possa discursar com certo grau de certeza sobre o passado de comunidades como Itans. Nesse sentido, o aprofundamento das pesquisas de caráter histórico e principalmente estudos arqueológicos que visem elucidar algumas das questões aqui elaboradas, fornecerão novos elementos para a construção do conhecimento acerca dos aldeamentos no Ceará.

Seria de grande importância a realização de pesquisas arqueológicas centradas em problemas mais concretos sobre os processos de aldeamento, seja intensificando a pesquisa no entorno da Capela de Itans ou nos aldeamentos nas margens do Jaguaribe e no atual município de Pacajus, que foram mais documentados.

Nesse contexto, esta pesquisa arqueológica inicial forneceu subsídios para questionamentos que podem ser explorados no futuro, de maneira condizente com o que é proposto no manual de arqueologia histórica em obras de restauração, no qual Najjar e Duarte (2002) estabelecem etapas de desenvolvimento das pesquisas arqueológicas para os projetos de restauração. Na primeira etapa seria realizada uma pesquisa prévia para se levantar questões e hipóteses para serem desenvolvidas em pesquisas posteriores mais aprofundadas. Segundo as autoras, “o objetivo da Arqueologia é o de produzir novos conhecimentos sobre o bem, como também, confirmar e/ou refutar dados já conhecidos, por exemplo, advindos da pesquisa histórica” (Najjar; Duarte, 2002, p. 20).



ESCAVAÇÃO DA CAPELA

Como parte essencial nas obras de restauração, a pesquisa arqueológica teve como um de seus objetivos a identificação de algumas estruturas, ou dos negativos que pudessem ser reintegrados à construção principal no intuito de devolver-lhe o aspecto original e, durante essa busca, compreender o processo dinâmico de utilização e manutenção do espaço caracterizado pelas reformas realizadas na edificação. Estas alterações, por sua vez, além de serem responsáveis pela manutenção da estrutura, também deixam vestígios das técnicas empregadas em determinados momentos do período em que aquela cultura material foi utilizada. Conforme Najjar (2011) seria:

(...) fundamental que os objetivos das pesquisas arqueológicas também estivessem estreitamente relacionados aos objetivos do projeto de restauro, ou seja, que seus objetivos centrais fossem o de compreender as edificações enquanto artefatos arquitetônicos (Najjar, 2011, p. 72).

No caso da capela, foi observada uma pluralidade de vestígios de reformas que nos informaram sobre as técnicas construtivas empregadas em diferentes momentos históricos, e nos permitiram inferir sobre as mudanças na utilização dos espaços da capela ao longo do tempo.

Nessa perspectiva, uma das primeiras atividades realizadas foi o desenho da planta baixa da capela de Itans, visando não só o controle espacial das áreas a serem escavadas, mas também buscando indicativos de onde realizar os cortes estratigráficos que fornecessem dados sobre os alicerces para a restauração, e que trouxessem indicativos sobre os questionamentos históricos e arqueológicos imprescindíveis para a construção do saber histórico daquele local.

A escavação arqueológica com a finalidade de descobrir parte da história do bem a ser restaurado seguiu orientação metodológica na carta patrimonial da Itália (Carta do Restauro), publicada em 1972, na qual se propõe que:

Para a restauração completa de um monumento – que comporta necessariamente seu estudo histórico – seja necessário efetuar prospecções de escavação para o descobrimento das fundações, as operações terão que se realizar com o método estratigráfico que pode oferecer dados preciosos sobre a vida e as fases do próprio edifício (Carta do Restauro, 1972, p. 7).

Desta forma, a partir da identificação de técnicas construtivas mais antigas, foi percebido que algumas

das estruturas da capela ainda são remanescentes da construção inicial. Algumas paredes, alguns portais, o púlpito, o coro e parte do altar ainda são originais da época da construção da igreja conforme mostrado na ilustração a seguir:

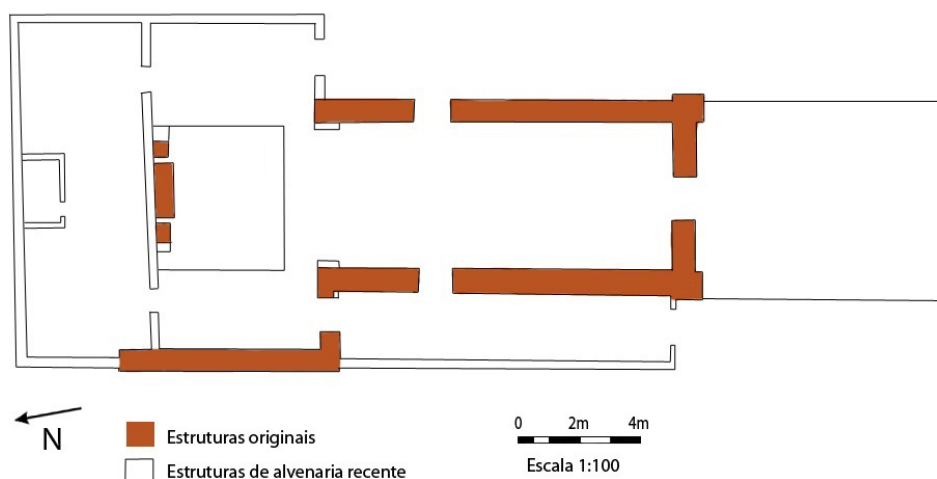


FIGURA 4 – IDENTIFICAÇÃO DAS ESTRUTURAS ORIGINAIS DA CAPELA DE ITANS. FONTE: ICA, 2015. (DESENHO ELABORADO POR NILO NOBRE).

Antes de iniciados os trabalhos de arqueologia, alguns pontos da sacristia já tinham sido alvo de prospecções, realizadas pela equipe de restauração. O reboco da parede posterior do altar foi removido parcialmente, e parte do piso da sacristia foi escavado, o que levou à descoberta de parte de uma antiga parede detrás da igreja.

Desta maneira, visando a compatibilização dos estudos arqueológicos com a obra de restauração, que acontecia em concomitância, optou-se pela realização da escavação primeiramente em alguns locais e posteriormente em outros. Então, a capela foi sistematicamente dividida em setores, pois assim facilitaria a pesquisa e subsequente liberação de áreas da capela para o andamento dos trabalhos de restauração paralelamente aos estudos arqueológicos.

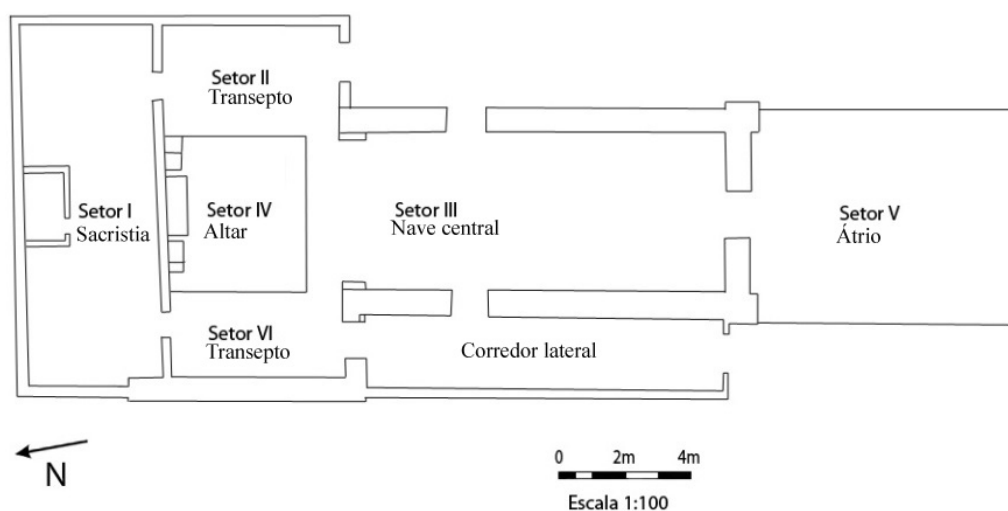


FIGURA 5: SETORIZAÇÃO DA CAPELA DE ITANS PARA ESCAVAÇÃO. FONTE: ICA, 2015. (DESENHO ELABORADO POR NILO NOBRE)

Para garantir o registro vertical dos vestígios encontrados foi adotada uma metodologia de nivelar as linhas do quadriculamento. Desta forma, foi estabelecida uma horizontalidade de referência a qual serviu de marco para as medidas de profundidade. Ao tomar medidas a partir desse nível de referência foi possível registrar a profundidade dos vestígios encontrados, e obter informações da topografia dos pisos da capela e perceber os desníveis existentes entre os pisos dos diferentes espaços e se estes se encontravam nivelados. O nivelamento das marcações das quadrículas foi feito a partir do uso de níveis de linha.

Durante a escavação das referidas quadrículas, foi percebida uma camada bastante heterogênea de sedimentos e blocos rochosos dispostos de maneira irregular e com a presença de materiais recentes, o que indica que a camada abaixo do piso atual, feito de cimento, era constituída de entulhos que foram utilizados como aterro para nivelar esse piso mais recente. Conforme Lima (1989):

A formação dos depósitos históricos é bastante complexa, implicando de processos que são determinados por uma série de filtros culturais. Em função do próprio dinamismo de uma sociedade espaços são ocupados, abandonados, reutilizados, transformados, reciclados, restringidos ou ampliados através dos tempos, determinando diferentes assentamentos que se superpõem no espaço e se sucedem cronologicamente, com frequentes perturbações estratigráficas. Descartes, abandonos, perdas, entulhos, demolições e desabamentos, são as principais formas de deposição com que o arqueólogo tem que lidar e interpretar (Lima, 1989, p. 93).



A sacristia apresentou um bom exemplo das mudanças estruturais as quais se refere a autora supracitada. Na área escavada pela equipe de restauração, não só uma parte da antiga parede foi encontrada, mas também as antigas pedras do meio-fio. Um espaço antes utilizado publicamente, agora estava sob um piso de cimento dentro da capela, o qual, por sua vez, estava assente sobre uma camada sedimentar revolvida e que apresentava desde fragmentos de tijolos comuns a pedaços de borracha de pneu de bicicleta, reforçando a inferência de sua possível origem como aterro para a construção do piso.

Importa, portanto, a compreensão das alterações no espaço urbano como indicadores da dinâmica social da comunidade. Conforme argumenta Lima (1989):

Os espaços são, em princípio, definidos a partir das suas funções (áreas residenciais, comerciais, mistas, públicas, cívicas, administrativas, religiosas, aterros, depósitos de lixo, áreas livres etc.). A compreensão dos processos geradores, seletivos e deposicionais dos artefatos, bem como a análise da sua distribuição espacial são determinantes para essa definição. Raramente eles estão dispostos primariamente, na medida em que acompanham toda essa dinâmica (Lima, 1989, p. 93).

Segundo informações dos moradores de Itans, a sacristia atual foi construída na década de 1990, quando a parede de trás, original da capela, foi demolida. A reforma teve o intuito de ampliar a área da capela e, para tanto, foi construída também uma parede na lateral direita da capela, do lado oposto à antiga sacristia. Alguns moradores forneceram fotos desta reforma que demoliu a parte de trás da capela.

A partir da escavação do setor I, bem como da escavação de parte do setor II pela equipe de restauração, foi possível a identificação de toda a estrutura da capela, como era originalmente.

No setor III, foram escavadas 14 quadrículas, das quais nove delas formavam uma grande trincheira que dividia a capela ao meio, enquanto as outras cinco foram realizadas nas laterais da trincheira, para tentar evidenciar o antigo arco. A representação das quadrículas do setor III está representada na ilustração abaixo.

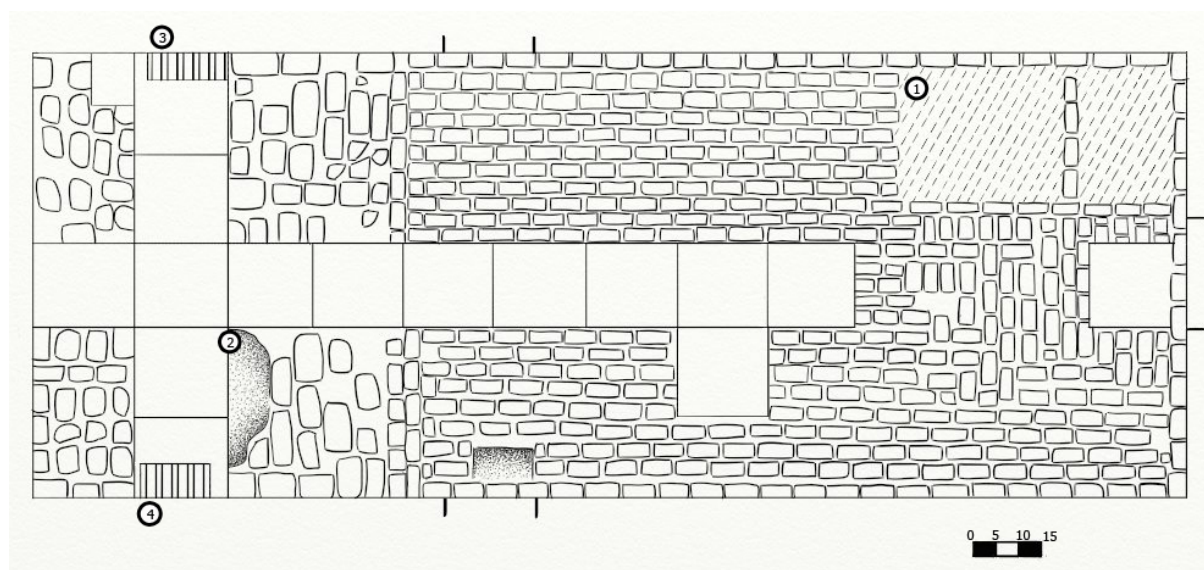


FIGURA 6 – DESENHO DE PLANTA BAIXA DA ÁREA ONDE FOI DELIMITADA A ESCAVAÇÃO DO SETOR III. 1- ÁREA OCUPADA POR MATERIAL CONSTRUTIVO PERTENCENTE A EQUIPE DE RESTAURAÇÃO, 2 (DEPRESSÕES RESULTANTES DE DESGASTES DO PISO), 3 E 4 (COLUNAS DA IGREJA). FONTE: ICA, 2015 (DESENHO ELABORADO POR BIANCA ARAÚJO).

Durante a escavação percebeu-se que os remanescentes ósteológicos estavam imediatamente abaixo do piso de tijolos atual e bastante fragmentados e dispersos espacialmente nas quadrículas, o que poderia indicar uma perturbação no sedimento devido ao impacto causado por alguma atividade de escavação. Inicialmente, cogitou-se a possibilidade da dispersão e fragmentação dos ossos ter sido ocasionada pela prática constante de enterramentos em momentos pretéritos da capela, nos quais os esqueletos mais antigos sofreriam impactos sempre que um novo corpo necessitasse de sepultamento.

Desta forma, a partir da corriqueira prática de inumação na capela, as constantes escavações naturalmente impactariam os enterramentos mais velhos. Entretanto, nenhum esqueleto foi encontrado articulado ou com os ossos dispostos próximos uns aos outros para que se pudesse supor um enterramento secundário.

Conforme aponta Matrangolo (2013), as práticas de sepultar nas igrejas existiam desde a idade média, e foram sendo combatidas primeiramente na França no final do século XXVIII, devido a teorias médicas de doenças causadas por “vapores insalubres”. Segundo o autor, datam da década de 1780 os primeiros cemitérios construídos na França, com a intenção de cessar com a prática de sepultar nas igrejas e retirar os mortos dos espaços de convivência dos vivos.

Segundo afirma o referido autor, as discussões sobre os problemas causados pelas inumações em igrejas se iniciaram no início do século XIX, e apenas em 1835 foram emitidos decretos proibindo o sepultamento em igrejas e ordenando que as autoridades locais construíssem cemitérios fora dos limites urbanos. Contudo, a legislação não foi bem recebida pelas comunidades rurais e as práticas de enterrar os mortos nas igrejas persistiram até 1860, em Portugal.



No Brasil, a discussão a esse respeito se iniciou ainda nos finais do século XVIII. Segundo Matrangolo (2013), nos anos de 1800, um pesquisador de nome Vicente Coelho Seabra Telles publicou em Lisboa uma pesquisa que indicava formas de evitar ou diminuir os maus efeitos das sepulturas fora e dentro dos templos a partir de quatro abordagens: 1- destruindo-os logo após a morte; 2- sepultando-os em locais onde seus resíduos sejam diluídos pelo ar ou pela água; 3- retirando as terras infecciosas das sepulturas de dentro dos templos e substituindo-as por terras saudáveis; e 4- lançando nas sepulturas, substâncias que neutralizassem ou destruíssem as emanações. Após essa publicação, em 1801, foi emitida pelo príncipe regente D. João a primeira lei de regulamentação das práticas funerárias nas colônias portuguesas, a carta régia de 14/01/1801 na qual consta que:

[...] tendo chegado a minha presença uma atendível representação sobre os danos a que está exposta a Saúde Pública, por se enterrarem os cadáveres nas Igrejas que ficam dentro das Cidades Populosas dos Meus Domínios ultramarinos: visto que os vapores que de si exalam os Cadáveres impregnando a Atmosfera vem a ser a causa de que os vivos respirem um ar corrupto e infeccionado, e por isso estejam sujeitos a muitas e que repetidas vezes padeçam moléstias epidêmicas e perigosas [...] sou servido ordenar que logo receberdes esta carta régia, procureis acordo de com o Bispo dessa Diocese fazer construir em Sítio Separado dessa cidade [...] um ou mais Cemitérios, onde hajam de ser sepultados, sem exceção, todas as Pessoas que falecerem (Carta Régia, 1801 apud Matrangolo, 2013, p. 115).

Contudo, embora a lei já tivesse sido promulgada, a prática de sepultar nas igrejas perdurou por muito tempo, gerando vários debates a respeito da higiene e saúde por um lado e os preceitos religiosos do sepultamento que levaria à redenção das almas por outro. Além do que, mesmo antes de se discutirem as questões de higiene, havia problemas em relação aos sepultamentos em igrejas, pois os mais pobres muitas vezes abandonavam os corpos de seus parentes nas portas dos templos visando à caridade pública, por não terem condições de pagar pelo enterramento. Os falecidos eram então sepultados nos adros ou nos cemitérios adjacentes aos templos que ainda eram sagrados, porém eram desprestigiados por sua localização externa e concessão gratuita.

A prática continuou até que na década de 1850 a ameaça de epidemias de febre-amarela e cólera-morbo traz à tona a discussão sobre os sepultamentos em igrejas, culminando em várias leis nas diversas províncias que acabavam por exigir a construção de cemitérios públicos e proibir a inumação dentro das capelas, com exceção aos vigários, padres e bispos, que podiam ser sepultados em suas igrejas.

Essa breve contextualização torna-se importante, pois ajuda a pensar em elementos que deixam marcas no registro arqueológico. Como se comentou anteriormente sobre o trabalho de Vicente Telles, uma das recomendações era a troca da areia infecciosa de dentro do templo por uma areia saudável. Desta forma, cogitou-se também a possibilidade da fragmentação do material osteológico ser consequência de uma prática que



visava a redução dos riscos de epidemias.

Outro elemento que vale a pena ser mencionado, e que está na tradição oral da comunidade de Itans, foi a identificação, durante uma das reformas da capela, de três esqueletos que teriam sido encontrados na lateral da capela, onde hoje há uma calçada que antes não havia. Dessa maneira, os esqueletos poderiam ser indicativos de segregação social, segundo se verifica na bibliografia historiográfica de outras localidades.

Em relação às reformas como causadoras de impacto, dados obtidos na escavação apontam que podem ter ocorrido mudanças altamente impactantes para os vestígios arqueológicos em profundidade dentro da capela.

Durante a escavação realizada pela equipe de restauração na sacristia atual (setor I), eles evidenciaram, do lado interno da antiga parede de trás, um piso de cimento que está a aproximadamente 12 centímetros de altura em relação ao piso interno atual da capela. Ao remover o cimento, foi encontrado um piso de tijolos que continha tanto tijolos comuns quanto lajotas cerâmicas de 22 x 22 cm. As lajotas encontravam-se sempre nas bordas, encostadas nas paredes, enquanto os tijolos comuns estavam no preenchimento do piso.

A partir da constatação deste piso um pouco mais baixo, e levando em consideração que na última reforma foi construída uma parede para dividir a capela da sacristia, aventou-se a possibilidade de que o piso no interior da igreja foi escavado e hoje se encontra em um nível mais baixo do que na época de sua construção. A remoção de sedimentos do interior da igreja explicaria: 1- a proximidade do piso atual e os fragmentos ósseos logo abaixo; 2- a fragmentação do material osteológico causada pelo impacto da escavação da reforma; e 3- o aparecimento de remanescentes ósseos em locais recentes como o espaço da lateral direita do altar (setor II) a partir da utilização de sedimentos do interior da igreja como aterro para essas novas áreas.

Desta forma, se têm pelo menos três agentes impactantes do material osteológico, a saber: a constante prática de enterramento dentro da capela, que revolveria o material enterrado sempre que um novo corpo tivesse que ser enterrado; a possibilidade da troca de sedimentos infecciosos por sedimentos limpos, que removeria vários fragmentos e contribuiria para a fragmentação dos que ficavam; e as reformas que podem ter contribuído para o revolvimento dos sedimentos ou na remoção destes, além dos processos tafonômicos naturais relacionados aos materiais em decorrência do contexto.

Entretanto, deve-se levar em consideração, além da dimensão humana, os fatores naturais que agem sobre o registro arqueológico, dentre os quais figura um elemento, em Itans, que afeta diretamente o estado de conservação dos materiais osteológicos em subsuperfície: as águas subterrâneas. Conforme se observa nas imediações da capela, inúmeros blocos matacões afloram na superfície, indicando um solo com camadas sedimentares bastante rasas. Quando na temporada chuvosa, as águas absorvidas pelo solo se acumulam embaixo da terra e por vezes infiltram nas estruturas de cimento por toda a localidade. Desta forma, é possível perceber as paredes das casas com infiltrações até quase 1 metro de altura devido a essas águas que se acumulam nos solos, provavelmente rumando ao rio Choró.

Conforme percebido na escavação do setor I, o negativo da coluna de madeira da estrutura da antiga parede estava cheio de água, que foi secando conforme foram se passando dias sem chuvas.

Quanto aos vestígios negativos encontrados no setor III, foi constatado um sedimento claro abaixo de uma camada de madeira decomposta, a qual se estimou ser componente das campas de sepultamento. Além dessa mancha, foram encontrados vestígios de madeira em uma orientação perpendicular a ela, que também poderiam ser constituintes das campas. A hipótese de que a madeira servia de divisão dos espaços para o sepultamento foi reforçada com o desenvolvimento da escavação, pois foi constatado que há sedimentos revolvidos e com fragmentos ósseos apenas dos lados do sedimento claro, que está abaixo do local dos remanescentes de madeira.



FIGURA 7 – ESCAVAÇÃO DE TRINCHEIRA NO SETOR III. FONTE: ICA, 2015.

A partir da escavação foi possível observar resíduos de madeira seguindo as mesmas orientações anteriores. Ao se visualizar num contexto mais amplo, as manchas de madeira da trincheira inicial e o sedimento claro formavam quadrados de 1.80 metros por 0.75 metros. Desta forma, se especula que as madeiras eram constituintes de uma estrutura de campas que se destinava a separar os locais dos sepultamentos dentro da capela.

Com a constatação das divisões percebidas pelos remanescentes de madeira e pelo sedimento claro, provavelmente intacto abaixo delas, foi possível a inferência de toda a estrutura das campas, conforme se ilustra na imagem abaixo:

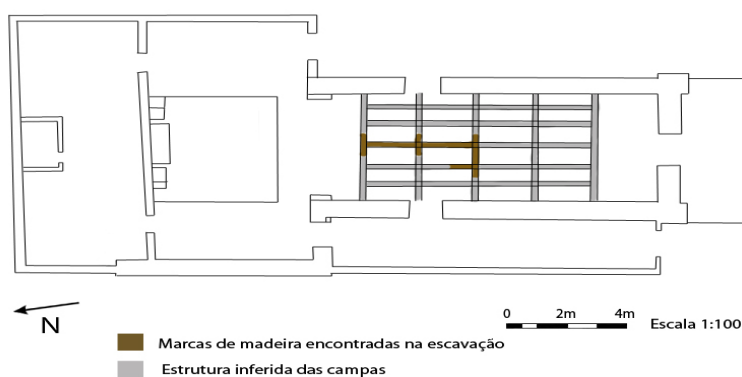


FIGURA 8 – ESTRUTURA DAS CAMPAS DA CAPELA, INFERIDA A PARTIR DOS VESTÍGIOS NEGATIVOS ENCONTRADOS NA ESCAVAÇÃO. FONTE: ICA, 2015 (DESENHO ELABORADO POR NILO NOBRE).

No setor IV, na área do altar foi realizada uma trincheira no sentido norte-sul, que se alinhou com o corte realizado no setor III. Os degraus mais recentes que foram removidos pela equipe de restauração estavam assentes sobre um antigo piso de cimento, o qual apresentava uma camada de lajotas logo abaixo. Como essas lajotas constituem o piso do púlpito ainda hoje, estima-se que esse piso de lajota possa ter sido feito em uma antiga reforma da capela. Consta na tradição oral da comunidade que em algum momento o piso do altar teria sido de madeira. É necessário considerar essas alterações, pois conforme argumentam Najjar e Duarte (2002, p. 9) “(...)os materiais construtivos: tijolos, telhas, pedras têm conotação econômico-social; revestimentos revelam modismos, o conteúdo estético de fachadas e jardins.”

As quadriculas da trincheira do setor IV foram escavadas até no máximo 60 centímetros. Durante a escavação das quadriculas foi constatada a mesma técnica que se encontrou em todos os lugares capela, na qual se faziam os pisos de tijolos sobre uma camada de areia que separava os tijolos dos entulhos e aterros



logo abaixo.

Abaixo da camada de areia, foi encontrada uma camada de entulho, que continha bolos de argila e fragmentos de tijolos e telhas em meio ao sedimento arenoso. Partindo desse princípio se pode inferir que o altar também sofreu impactos em profundidade durante as reformas realizadas ao longo do tempo na capela, sendo que as lajotas poderiam ter sido instaladas nesse momento ou reaproveitadas de outro local.

Entretanto, é necessário destacar que apenas um fragmento de material ósseo foi encontrado em profundidade no altar, o que aponta para as seguintes possibilidades que são complementares: 1- de que esta foi uma reforma mais antiga do que a que baixou o nível do piso da nave central, e 2- nessa primeira reforma o enterramento existente pode ter sido removido deixando apenas esse fragmento descontextualizado. Uma vez que se especula terem sido reformas diferentes, pode-se explicar a falta de remanescentes osteológicos no altar devido à remoção do enterramento e a não utilização dos sedimentos da nave central como aterro, como se verifica na área da lateral direita do altar, conforme comentado anteriormente.

Quanto às intervenções no setor V, também foi feita uma trincheira com o intuito de verificar a existência de um possível degrau, ou do antigo piso da frente da capela. A trincheira revelou uma estrutura de tijolos e lajotas na mesma altimetria da calçada da lateral direita da capela. Desta forma, estima-se que em algum momento da história da capela, tijolos e lajotas foram reaproveitados para se fazer algo como uma calçada na entrada da capela.

No setor VI foram escavadas duas sondagens a fim de se encontrarem vestígios da existência de alguma parede que separasse o altar-mor da sacristia. As sondagens revelaram grandes blocos rochosos e uma argamassa clara semelhante à das paredes atuais num sentido semelhante ao que foi encontrado no lado direito do altar.

Entretanto, faltam blocos nesse possível alicerce e há fragmentos de material ósseo no alinhamento onde deveria estar o alicerce. Desta forma, é possível inferir que havia uma parede que dividia o altar da sacristia, mas que não só a parede como também seu alicerce foram impactados pelas sucessivas reformas realizadas na capela.

Durante as escavações que foram realizadas na capela e nas suas imediações, foram encontrados cinquenta e sete fragmentos de louças de diversos tipos e que servem de indicativos cronológicos para o contexto socioeconômico da comunidade de Itans.

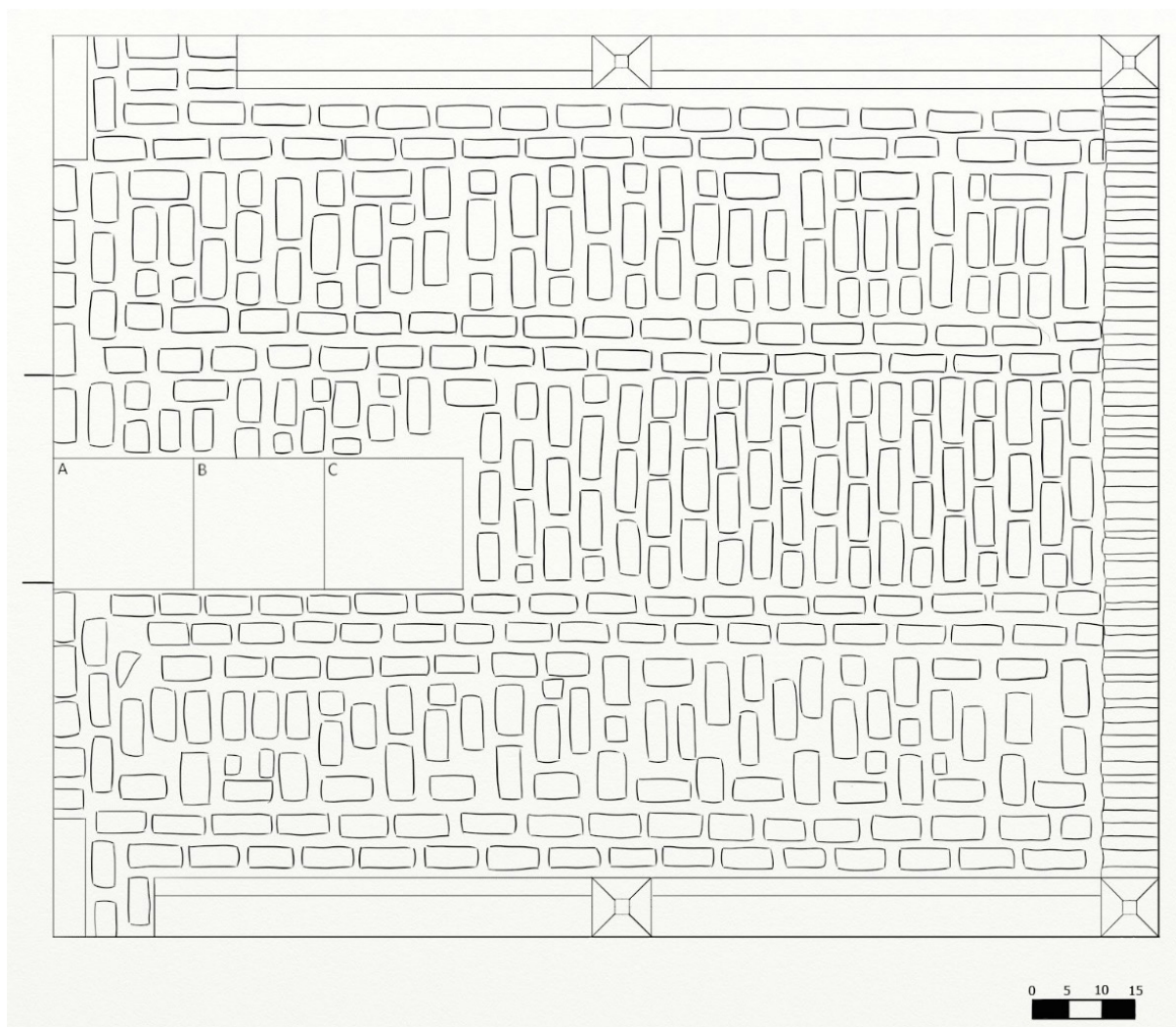


FIGURA 9 – PLANTA BAIXA DO SETOR V. FONTE: ICA, 2015. (DESENHO ELABORADO POR BIANCA ARAÚJO).

MATERIAIS ENCONTRADOS

Os cinquenta e sete fragmentos de louças foram encontrados em diversos locais da escavação, sendo que a maior quantidade destes foi coletada no exterior da capela. Seguindo a divisão por setores, as quantidades se apresentam da seguinte maneira: oito fragmentos foram coletados no setor I, dez fragmentos no setor II, onze fragmentos no setor III, dois fragmentos no setor IV, dois fragmentos no setor V, dois fragmentos no setor VI e vinte e dois fragmentos no exterior da capela.

Entre os fragmentos de louça coletados, foram encontrados tipos distintos de faiança produzidos e comercializados em diferentes momentos da história. Entre as faianças inglesas foram encontrados fragmentos que apresentam os seguintes tipos decorativos: transfer printed, pintada à mão, carimbada, banhada (dipped), bem como fragmentos de faianças portuguesas, cerâmica neobrasileira e alguns materiais construtivos em meio às camadas de entulho.

Em relação ao material osteológico, conforme foi demonstrado anteriormente, muito do contexto foi perturbado devido a reformas que impactaram os locais de sepultamentos, sem falar na recorrência de sepultamentos que já se constituíam como atividades impactantes no próprio momento histórico em que a prática era comum.

Outro fator que merece destaque é a baixa capacidade de conservação encontrada no interior da capela devido à pouca profundidade do solo e a proximidade do rio Choró que fazem com que se acumule água no subsolo e isso tem um impacto direto na conservação dos materiais ósseos que raramente foram encontrados inteiros.

Durante a escavação do setor III, embora a grande maioria dos remanescentes ósseos estivesse bastante fragmentada e friável, ainda foi possível a coleta de parte de um osso pélvico. Ao se observar a incisura isquiática maior do referido osso, se poderia inferir que este pertencia a um indivíduo feminino, pois o ísquio possui um formato pouco extenso e largo entre suas extremidades. Conforme explicam White e Folkens (2005, p. 393, tradução nossa), “a incisura isquiática maior tende a ser mais larga em mulheres e mais estreita em homens”. Entretanto, essa característica deve ser vista como um elemento secundário e complementar às outras características da região sub-púbica.

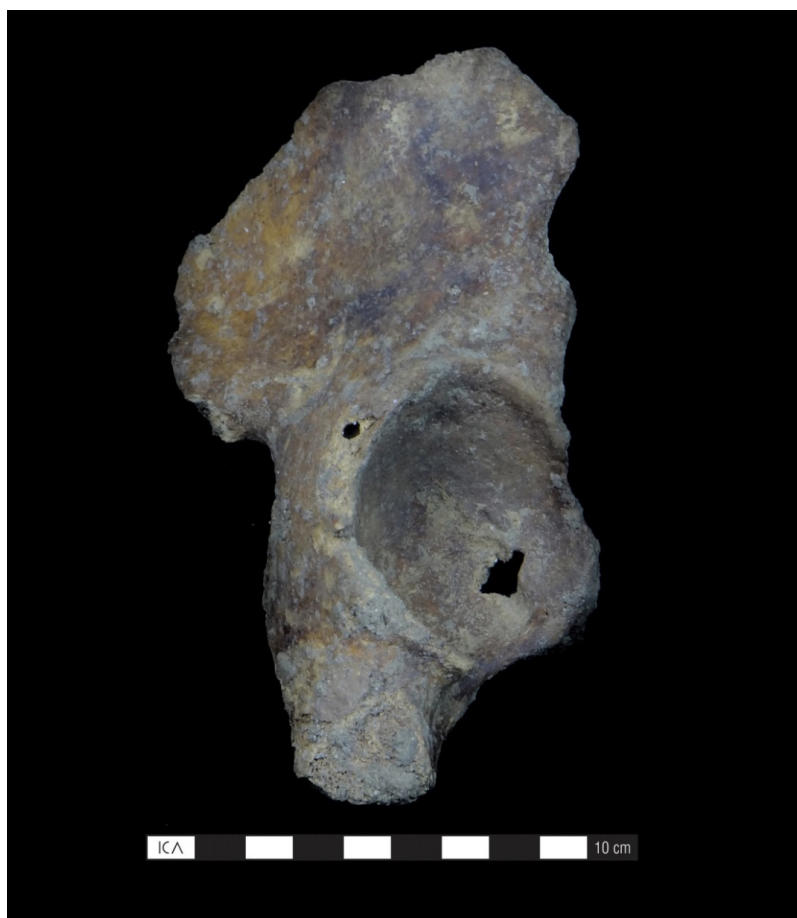


FIGURA 10 – OSSO PÉLVICO DIREITO DE UM INDIVÍDUO JOVEM CUJA INCISURA ISQUIÁTICA MAIOR PODERIA INDICAR SER FEMININO. FONTE: ICA, 2015.



Entretanto, a peça apresenta dimensões muito pequenas para se considerar como pertencente a um indivíduo adulto. Desta forma, a inferência do sexo deste indivíduo fica prejudicada por falta de informações adicionais.

Além da coleta de diversos dentes que ainda carecem de estudo aprofundado, foram encontrados também alguns poucos objetos que foram considerados como parte do enxoval funerário, tais como contas de um terço que foram encontradas próximas a uma mandíbula, alguns pedaços de tecido e botões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos bioarqueológicos poderão esclarecer várias questões que podem ser levantadas por este material osteológico. Informações sobre dieta, doenças e mesmo de hereditariedade talvez possam ser respondidas a partir de análises dos remanescentes osteológicos coletados, embora estejam bastante fragmentados devido às diversas intervenções constatadas nas escavações.

As escavações ajudaram não apenas a identificar as estruturas originais para a equipe de restauro, mas também para encontrar elementos que subsidiam uma maior compreensão da história do município e Itapiúna-CE, bem como novas questões para a pesquisa dos aldeamentos na História do Ceará.

REFERÊNCIAS

CAINO, Jonathan Santos. Arqueologia dos espaços domésticos em Santo Ângelo Custódio: propostas teóricas. IN: Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. V. V, nº9/10. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Ago/Dez 2008.

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro. Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense – algumas notas. IN: Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.20. n.1. p. 133-163. jan.- jun. 2012.

KERN, Arno Alvarez. A Arqueologia Histórica, a História e os Trinta Povos das Missões. IN: Clio – Série Arqueológica. Nº 5, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. Os Índios Paiacu, Primeiros Habitantes de Pacajus. IN: Revista do Instituto Histórico do Ceará. 1991.

LAGO, Anna E. A Administração Pombalina: o Brasil no Contexto das Reformas e o Diretório dos Índios. ANPUH, XXII Simpósio Nacional de História, João Pessoa, 2003.

LAMOTTA, V.; SCHIFFER, M. Archaeological formation processes. In: Renfrew, C.; Bahn, P. (Ed.) Archaeology: the key concepts. New York: Routledge, 2005. p. 91-95.



LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia Histórica: Algumas Considerações Teóricas. IN: Clio – Série Arqueológica. N° 5, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989.

MAIA, Lígio José de Oliveira. Serras de Ibiapaba. De Aldeia à vila de índios: vassalagem e identidade no Ceará colonial – século XVIII. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Tese de doutorado.

MATRANGOLO, Breno Henrique S. Formas de Bem Morrer em São Paulo: Transformações nos Costumes Fúnebres e a Construção do Cemitério da Consolação (1801-1858). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Dissertação de Mestrado.

MEDEIROS, Ricardo Pinto. Histórias dos Povos Indígenas do Sertão Nordestino no Período Colonial: Problemas, Metodologias e Fontes. IN: Clio Arqueológica. N° 15, Vol. 1, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

NAJJAR, Rosana e DUARTE, Maria Cristina Coelho. Manual de arqueologia Histórica em Obras de Restauração. IPHAN, Programa Monumenta, 2002.

STUDART FILHO, Carlos. Notas Históricas Sobre os Indígenas Cearenses. IN: Revista do Instituto Histórico do Ceará. 1931.

TRIGGER, Bruce G. História do Pensamento Arqueológico. Tradução: Ordep Trindade Serra. São Paulo, Odysseus Editora, 2004.

WHITE, T. D. & FOLKENS, P. A. The Human Bone Manual. Elsevier Academic Press, 2005.

WINTER, Cecilia Pérez; FAGUNDES, Marcelo; RODRIGUES, Sílvio Carlos. Una aproximación tafonómica al análisis arqueológico del material cerámico: caso experimental Sitio São Lourenço 1, município de Ituiutaba (MG). Revista UnG - Geociências, São Paulo, v.9, n.1, p. 14-33, 2010. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/geociencias/article/view/730/868>. Acesso 20 dez. 2024.

Carta da Itália (Carta do Restauero), Itália, 1972. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>